Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Entre o global e o local: midiatização e captura da atenção em perfis de iniciativas comunitárias na internet [1]

Between global and local: mediatization and attention captura in community initiative´s profiles on the internet

Cinthya Pires Oliveira

Resumo:

Este artigo possui o objetivo de investigar como a dinâmica da atenção pode influenciar os processos cotidianos de participação social em iniciativas comunitárias locais atuantes na Internet, tendo como referência a trajetória do veículo Voz das Comunidades (VOZ). Processos histórico e socioculturais denotam que a história dos meios de comunicação está diretamente relacionada aos fluxos de direcionamento e captura da atenção humana. Para esta investigação, o percurso metodológico proposto engloba análise exploratória e pesquisa bibliográfica, aliadas à observação e coleta de dados nas plataformas de redes sociodigitais do VOZ, com intuito de contribuir com a elucidação de processos estruturantes que fomentem a mobilização social.

Palavras-chave: Midiatização; Mercado da Atenção; Participação

[1] Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Abstract:
This study aims to investigate how the dynamics of attention can influence the daily processes of social participation in local community initiatives operating on the Internet, taking as reference the trajectory of the vehicle Voz das Comunidades (VOZ). Historical and sociocultural processes denote that the history of the media is directly related to the flows of directing and capturing human attention. For this investigation, the proposed methodological path encompasses exploratory analysis and bibliographic research, combined with ethnography and data collection on VOZ's socio-digital network platforms, with the aim of contributing to the elucidation of structuring processes that encourage mobilization social.

Keywords: Mediatization; Attencion Market; Participation.

1. Global x Local: Hipermidiatização e (des)conexões

Os impactos das tecnologias digitais na relação entre sociedade, cultura e mídia são inegáveis, gerando diferenciados processos intersociais, socioculturais e geopolíticos. Ao longo da evolução dos meios, os processos de interação com a mídia foram se tornando mais individualizados, ampliando gradativamente as vias para construção simbólica na esfera privada dos lares (SODRÉ, 2002). A partir da segunda metade do século XX, a mudança da esfera pública proporcionada pelas tecnologias nos revela nuances a respeito do direcionamento da atenção e das configurações de processos sociais mediados que impactam nas mobilizações sociais e na atuação de iniciativas de comunicação comunitária.

Embora, talvez mais rápido do que possamos observar, a partir de uma análise despretensiosa do avanço das tecnologias digitais, as colisões de forças socioculturais, políticas e econômicas parecem se intensificar a cada década, de modo a potencializar

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

os processos de hipermidiatização e os mecanismos para direcionamento da atenção em diferentes sociedades. A esse respeito, Martino expõe a necessidade de refletirmos criticamente uma vez que "a relação dos seres humanos com o conhecimento do mundo ao seu redor se transforma completamente quando é intermediada pelas mídias digitais" (MARTINO, 2014, p. 40).

Ou seja, muito mais do que uma atuação mediadora entre emissor e receptor, o autor evidencia que "as percepções, os relacionamentos e a própria atividade mental operam a partir de uma contínua intersecção com o digital" (ibidem, p.40). Enquanto processo histórico-social, esse fluxo está relacionado ao uso dos meios de comunicação para a "formação de consciências e modos de pensar" (MORAES, 2016). Em última instância, modos de pensar que são consequência de ações comunicativas que despertam interesse nos indivíduos. E essa lógica está sujeita às possibilidades de conectividade e mobilidade trazidas com a economia digital e o processo de plataformização.

Logo, o tempo comprimido e os múltiplos espaços dilatados proporcionam reflexos em diferentes níveis de complexidade, que podem ser observados tanto no global quanto no local. No entanto, a organização do cotidiano de grupos comunitários a partir das estruturas midiáticas também deve ser compreendida pelas ausências e (des)conexões. Ausências de bandas para conexões, ausências de dispositivos, ausências de perfis nas plataformas, ausência de grupos solidários em rede; ausência de conhecimento sobre o modo de uso são alguns exemplos de sombreamentos frente ao discurso de conectividade.

Estudos reportam que há três bilhões de cidadãos desconectados no mundo, indivíduos que ainda não possuem acesso à internet (ITU, 2023). Se por um lado, grande parte da população mundial de sete bilhões de indivíduos não vivenciam a realidade do espaço digital, por outro, quatro bilhões de conectados, independente da intensidade e qualidade do acesso, contribuem de algum modo para gerar dados e rastros na internet, construir relações e experimentar essa tecnicidade. Desta forma,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

devem ser cuidadosas as análises voltadas para os efeitos da hipermidiatização, diante de tantos fatores que interferem nos estágios de midiatização de sociedades e nas relações destas com as mídias.

Para além da abordagem tecnicista da comunicação e do entendimento de que as redes sociotécnicas se constituem como ordenadores do mercado e dos processos sociais, ainda é possível observar que diferentes sociedades se encontram em distintos níveis de midiatização (MIÉGE, 2018), o que nos leva a concluir que também há multiplicidade de nuances a serem consideradas nos processos de direcionamento da atenção de grupos de indivíduos perante os dispositivos midiáticos.

Observadas a partir do processo histórico-social, as (des)conexões são reflexos da dinâmica de estruturas globais que afetam diferentes esferas da vida e operam, em maior ou menor escala, no local. Partindo desse pressuposto, este estudo tem como ponto de partida a compreensão da midiatização a partir das relações intersistêmicas entre estruturas comunitárias e globais, pois "mesmo possuindo diretrizes tão distintas, a primeira é frequentemente invocada no ambiente em que impera, como tendência e sistema vigente, a segunda" (PAIVA, 2003, p.29).

2. Global x Local: Direcionamento de atenção nas redes e midiatização

A busca por despertar o interesse dos homens por meio da comunicação sempre foi alvo de disputas ao longo da evolução da humanidade. Gradualmente, à comunicação oral foram somados recursos, técnicas e dispositivos que marcaram a história dos meios de comunicação. Em paralelo, esses mesmos procedimentos aprimoravam não somente a emissão das mensagens como também promoviam mudanças no modo como a percepção do indivíduo estava sendo direcionada.

Se com a difusão da mídia impressa comercial, o ambiente familiar passou a ser desbravado de modo mais intenso pelas comunicações jornalísticas e publicitárias, foi com o rádio e a televisão que o direcionamento da atenção adquire maior amplitude nos

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

processos socioculturais uma vez que a mídia se constitui como importante organizador perceptivo. Desta forma, as expressivas modificações no cotidiano proporcionadas pelos meios de comunicação propiciam o surgimento de estudos que exaltam a soberania da tecnologia perante a percepção e a recepção, em detrimento dos rearranjos estruturantes que englobam fatores políticos, econômicos e socioculturais.

Tal dinâmica de fatores pode ser aprofundada a partir dos estudos de Stig Hjarvard (2015). Sob perspectiva mais específica a respeito do processo de midiatização, Hjarvard propõe a compreensão estruturante da mídia ao longo dos anos enquanto importante elemento influenciador das relações socioculturais, sendo a própria institucionalização da mídia parte essencial desse processo. Fenômeno que se torna ainda mais imbricado com as tecnologias digitais.

Logo, por meio de processos midiáticos, a esfera do interesse social se constitui enquanto ágora do capitalismo do século XXI. Esse percurso viabiliza profundas transformações no tecido sociocultural e proporciona oportunidades até então não imaginadas para os conglomerados de mídia. O direcionamento da atenção do público é uma das bases da economia dos meios e dos modelos de negócios de comunicação, o que se torna ainda mais latente com a midiatização.

Portanto, as plataformas funcionam como pontes de conexão a ser estabelecida entre anunciantes e públicos por meio de conteúdos publicados nesses espaços digitais. Por sua vez, a premissa é que os conteúdos despertem interesse dos usuários, garantindo volume de acessos e reações que potencializam a probabilidade de atrair atenção de outros indivíduos, de modo a amplificar a distribuição dessas comunicações e a alterar a percepção do público mediada por tecnologias digitais e lógicas algorítmicas.

Para a massa de indivíduos, os grupos hegemônicos produzem consenso nos modos de pensar. Seja por meio dos conteúdos jornalísticos ou de outras categorias de conteúdos produzidos, seja pela organização algorítmica das plataformas. Desta forma,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

dados pessoais, interesses e os diferentes níveis de interações dos indivíduos constituem o empacotamento da "mercadoria audiência" na internet.

Assim, o processo de midiatização revela novos tensionamentos que se acumulam enquanto tecnologias digitais revelam a atuação do poder político e econômico na indústria midiática. Se por um lado a tecnologia é reverenciada como recurso endossador da democracia participativa, evidenciando positivismo tecnicista embasado em argumentos míopes e utópicos, por outro, não podemos negar o seu uso técnico em mobilizações de atores sociais para diversificação de vozes em iniciativas comunitárias.

Logo, tendo em vista a dinâmica entre o processo de globalização e as estruturas comunitárias, a partir do estudo de caso do veículo "Voz das Comunidades (Voz)", nos interessa compreender como se configuram as redes e o potencial de participação do público nos perfis de redes sociotécnicas de iniciativas locais.

3. Global x Local: O uso de plataformas pelo "Voz das Comunidades (Voz)"

As iniciativas de comunicação locais adquirem importância diferenciada devido ao impacto social e aos benefícios gerados nas comunidades constituídas nos territórios que compõem as favelas. No panorama midiático mundo afora emergem movimentos sociais e iniciativas comunitárias para reivindicar proteção aos direitos humanos e garantia ao exercício da cidadania.

Se, por um lado, tais formas de expressão contribuem para diversificar falas e para expor problemáticas muitas vezes invisíveis ou pouco reconhecidas pela sociedade, por outro, a contínua proliferação do chamado "clickativismo" (também reconhecido como "ativismo de sofá") tende a gerar muito discurso e pouca ação ou resultado nas plataformas digitais de redes sociais, ocasionando desconfianças sobre sua efetividade para as comunidades locais.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Apesar da complexidade do tema, há práticas que possibilitam que a esfera pública digital seja agregadora de relevantes debates inerentes às necessidades socioeconômicas observadas no cotidiano das regiões periféricas. Desta forma, a partir da atuação do VOZ, é possível compreender a estratégia de convergência da esfera digital e do espaço público material enquanto mecanismo para transpor desafios locais e expor as potencialidades das periferias que se revelam.

De modo adicional, se por um lado as transformações nas relações sociais e do crescimento exponencial do uso de tecnologias e mídias têm ressignificado os processos de comunicação que adquirem ainda maior centralidade no cotidiano urbano, a comunicação também passou a ser apreendida como instrumento para exercício e garantia de outros direitos fundamentais[2], incluindo o direito de acessar e transmitir informação (UNESCO, 1983). Portanto, o respeito à dignidade e à legitimação do interesse público devem fundamentar a constituição de experiências comunicacionais locais que viabilizem o diálogo com a sociedade, processo essencial para fomento de ações comunicativas em prol da transformação social.

Como agenda para este capítulo, iniciaremos com breve exposição sobre as barreiras sócio-históricas que perpetuam as desigualdades a serem vencidas em regiões periféricas como o conjunto de favelas no Alemão, no Rio de Janeiro. Na sequência, analisaremos que, mesmo diante de toda a vulnerabilidade da região, processos voltados para mudança social podem ser potencializados por meio da comunicação, discorrendo sobre a relação da periferia no direcionamento de olhares pela mídia, quando as noções

[2] Sobre os direitos humanos fundamentais, Alexandre de Moraes, atual Ministro do Supremo Tribunal Federal, conceitua como "conjunto institucionalizado de direitos e garantias", que deve ser orientado pelo respeito à dignidade "por meio de sua proteção contra o arbítrio do poder estatal e o estabelecimento de condições mínimas de vida e desenvolvimento da personalidade humana" (MORAES, 2002. p. 39).

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

de periferia se cruzam e norteiam o senso comum da sociedade. Como parte do procedimento metodológico, essas relações constituídas serão evidenciadas a partir de dados observados e coletados por meio dos produtos comunicacionais do VOZ nas plataformas de redes sociais e em seu site na internet.

3.1. Que periferia é essa?

Ao longo da segunda metade do século XX, a noção de periferia foi socialmente constituída no imaginário da sociedade e passou por profundas mudanças enquanto campo de disputas para garantir direitos humanos e potencializar voz aos grupos marginalizados. Para além da formatação urbana e da geografia das cidades, o posicionamento de periferias emerge e se fortalece por meio de lutas e movimentos sociais urbanos enquanto processo social, político e econômico de resistência às desigualdades e busca por mudança social.

No século XXI, a partir das bases que encadearam as diversas noções de periferias em âmbito político, socioeconômico e cultural, outra noção de periferia agregadora das lutas sociais irrompe com o suporte das tecnologias digitais. Assim, observamos que a noção de periferia da atenção se delineia enquanto posicionamento de resistência a partir de movimentos sociais atuantes na Internet, visando incluir a periferia no centro dos debates da opinião pública. Desta forma, a Internet, enquanto esfera pública de discursos, (in)visibilidades e (des)construções, também se configura como arena de disputas.

Nesse cenário, diante da lógica algorítmica, do controle e hegemonia na organização de dados em plataformas de busca, canais e sites jornalísticos, assim como sites de redes sociais na Internet, observa-se a emergência de uma outra esfera de disputa em que se constitui o que aqui chamamos de “periferia da atenção”.

Como desdobramento do posicionamento das periferias, da herança dos movimentos sociais urbanos e do avanço das tecnologias digitais, a competição pela

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

atenção humana adquire contornos diferenciados, quando pessoas à margem e coletivos de comunicação comunitária adquirem nuances de voz para resgatar potencialidades, oportunidades de resistência e visibilidades. Com o avanço das tecnologias digitais, a disputa pela atenção da sociedade adquire contornos diferenciados e sujeitos percebidos como periféricos buscam conquistar outros espaços de fala.

Assim, sobretudo a partir do século XXI, as noções de periferias econômicas, urbanas, culturais e sociais podem ser compreendidas como expressão do estar à margem da atenção da sociedade. Nesse caso, a periferia (in)visível estaria associada não exclusivamente às condições materiais precarizadas nas quais se encontram essas populações (como pessoas em situações de rua, usuários de drogas, imigrantes e emigrantes, trabalhadores informais), mas à confluência de problemáticas histórico e socioeconômicas que desembocam na arena simbólica de disputa por atenção como um brado de potencialidades, resistência e (re)existências dos sujeitos periféricos.

E para buscarmos compreender essas dinâmicas, abordaremos na sequência a contribuição, os avanços e os desafios proporcionados pelas tecnologias digitais para que vozes periféricas se destaquem na arena de disputas pela atenção humana, trazendo ao centro as noções de periferias com suas problemáticas e potencialidades, a partir do estudo de caso do Voz das Comunidades (VOZ), ONG responsável por veículo comunitário homônimo atuante no bairro periférico Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro.

3.2. Periferia e atenção humana midiatizada

Para a mídia, enquanto ordenadora da percepção social, as periferias urbana, econômica e social ocupam espaços distantes do círculo tradicional da atenção humana. Em paralelo, tem sido alvo de debates recorrentes a necessidade de direcionar o olhar da sociedade para práticas cotidianas que garantam os direitos humanos em regiões periféricas como as favelas das principais metrópoles brasileiras. Nessas comunidades

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

locais, temas como direito à segurança, à educação, à saúde, ao saneamento básico e à igualdade (para citar apenas alguns, conforme Constituição Federal de 1988[3]) tendem historicamente a ser obliterados no frenesi da paisagem midiática metropolitana.

De fato, o conceito de periferia possui abordagem amplamente associada ao processo urbano de metropolização que adquiriu maior ênfase a partir da década de 1960 no Brasil. Além disso, em âmbito mundial, diante do avanço da industrialização e do crescimento econômico (principalmente com o fim da Guerra Fria em 1991), países então denominados como "subdesenvolvidos", também passaram a ser reconhecidos como periféricos – em contraponto às "grandes potências", países que demonstraram poder econômico, militar e político para direcionar o cenário internacional.

No entanto, em termos micro ou macro, dadas as condições históricas, sociais e econômicas, a palavra periferia estaria associada à conotação de carência econômica, fragilidade de estruturas e menor poder de voz ou força política. A partir dessa concepção e conforme origem etimológica da palavra, que expressa linha ao redor de uma figura geométrica, periferia se tornou sinônimo de áreas adjacentes ao centro, regiões que historicamente passaram a ser habitadas por meio de processos clandestinos de loteamento, locais circundantes aos principais centros socioeconômicos para os quais se dirigiam a população de baixo poder aquisitivo.

Essa é "a periferia", a constituição de sentido que tende a ser homogeneizada e permeia a construção do senso comum da sociedade em geral. Tal entendimento é

[3] Direitos individuais e coletivos (artigo 5º da CF), direitos sociais (do artigo 6º ao artigo 11 da CF), direitos de nacionalidade (artigos 12 e 13 da CF) e direitos políticos (artigos 14 ao 17 da CF).

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

reforçado pelos dicionários[4], pela mídia, pelos noticiários e, também, pela normatização algorítmica que fundamenta os mecanismos de pesquisas na internet[5].

Se por um lado, reflexões aprofundadas sobre as complexidades das favelas esvaecem na grande imprensa diante do característico senso de urgência e novidade das notícias factuais[6], por outro, manchetes sobre violência urbana proliferam e estigmatizam os moradores da região.

Mas, diante da desafiadora conciliação entre as dimensões de direitos individuais e coletivos, mecanismos para fortalecimento da participação e da cidadania podem ser observados em iniciativas locais que fazem uso da comunicação como processo estratégico e instrumento para acesso a outros direitos como segurança, saneamento básico, saúde e educação.

Por esse entendimento, o processo comunicacional se destaca não somente enquanto exercício de direito humano cotidiano, mas também como instrumento para possibilitar avanços sociais e materiais vinculados aos outros direitos fundamentais garantidos pela Constituição Federal de 1988[7]. Assim, a partir da experiência do VOZ, discutiremos como se constitui a condição periférica diante de fatores que trazem desafios e potencialidades para os moradores no Complexo do Alemão, região

[4] Periferia. 7. *Urb. Bras.* Numa cidade, a região mais afastada do centro urbano, em geral carente em infra-estrutura e serviços urbanos, e que abriga os setores de baixa renda da população. Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

[5] Em sites como Google e Bing, após comando de busca com a palavra “periferia”, surgem imagens majoritariamente representativas de aglomerados de casas em morros ou ruas com condições inadequadas de saneamento básico.

[6] "Hard news" ou notícia importante, relato de fatos e acontecimentos relevantes para a vida política, econômica e cotidiana.

[7] Direitos individuais e coletivos (artigo 5º da CF), direitos sociais (do artigo 6º ao artigo 11 da CF), direitos de nacionalidade (artigos 12 e 13 da CF) e direitos políticos (artigos 14 ao 17 da CF).

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

estigmatizada por desdobramentos históricos, políticos e socioeconômicos.

3.3. Periferias e processos sociais

Como exposto, durante a urbanização e a consequente expansão das metrópoles, uma sequência de processos eclodiram, estabelecendo periferias com características específicas nas diferentes regiões do país. Mais tarde, as periferias urbanas se tornariam referência para processos de resistência de outras concepções de periferias não mais limítrofes à composição geográfica, na medida em que representariam movimentos diversos de emancipação dos subalternos. Tal realidade pode ser exemplificada com a história de configuração do bairro denominado Complexo do Alemão, no município do Rio de Janeiro.

Esse bairro foi estruturado sobre uma formação rochosa, a Serra da Misericórdia, a partir da década de 1950, quando o imigrante polonês Leonard Kaczmarkiewicz (que recebeu o apelido de "Alemão") dividiu o terreno em lotes para vender[8]. Ao longo do século XX, essa área rural da cidade passou por profundas transformações à medida que o comércio e a indústria cresceram, famílias de operários se deslocaram e avenidas foram construídas (como o caso da Avenida Brasil em 1946). Com crescimento irregular, a oficialização do bairro somente ocorreu em 1993, mas sua história centenária demonstra a complexidade de fatores que intensificam as desigualdades e negam a garantia de direitos humanos às pessoas em situação de vulnerabilidade que, historicamente, se encontram à margem de espaços e esferas públicas, dos processos de decisões políticas e das narrativas midiáticas.

Tal realidade se mantém até os dias atuais, inclusive com agravamentos. Dados

[8] Fonte: https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo_do_Alem%C3%A3o. Acesso em 24 ago 2022.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

do último Censo (2010[9]) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) reportam que a população do Complexo do Alemão seria composta por 58.962 habitantes. Esse bairro abriga um dos maiores conjuntos de favelas, 13 ao total[10], abrangendo a Zona Norte e a Zona da Leopoldina, no município do Rio de Janeiro, Brasil.

A característica da região torna difícil reportar com precisão a densidade populacional quanto a delimitação do bairro, já que as casas se constituem não somente por extensões de terras, mas também com crescimento vertical. Com o aumento das favelas no Rio de Janeiro, acima da média das cidades[11], fontes reportam que cerca de 180 mil habitantes[12] residem no Alemão, como é popularmente conhecido o bairro e passará a ser referenciado aqui dessa forma.

De acordo com estimativa do IBGE, um em cada cinco moradores do Rio vive em favelas. Logo, essas favelas são lugar de moradia, de comércio, de ir e vir de pessoas, mas, enquanto periferia urbana, acaba por herdar o estigma de lugar de violência, de ausência de infraestrutura e de negligência de políticas públicas.

Essas dificuldades econômicas e a carência de infraestrutura traduzem as barreiras sócio-históricas de desigualdades no Alemão, mas não revelam as realidades individuais e coletivas que constituem esse bairro como região economicamente ativa, fomentadora de profissões e serviços, formadora de talentos, fonte de produção e

[9] O CENSO 2020 foi suspenso em virtude da pandemia provocada pela disseminação da Covid-19.

[10] Algumas fontes estimam 17 favelas, em virtude da irregularidade dos limites que avançam para outras regiões. O bairro Complexo do Alemão possui extensões que avançam e se mesclam com outros bairros da periferia do Rio de Janeiro como Ramos, Higienópolis, Olaria, Penha, Inhaúma e Bonsucesso.

[11] Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/08/29/favelas-do-rio-tiveram-o-maior-crescimento-territorial-desde-2012.ghtml Acesso em: 15 mar. 2021.

[12] Disponível em: https://wikifavelas.com.br/ Acesso em: 09 abr. 2022.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

comércio de produtos.

Uma vez que essa região foi, durante anos, o principal polo industrial do Rio de Janeiro, mas a violência afastou empresas, gerou desocupação de imóveis e consequentemente perda de circulação de renda[13], há urgência de reconhecimento das iniciativas locais como o VOZ, enquanto projeto de comunicação que promove mudança social, em conformidade com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), apresentados na Agenda 2030 da ONU[14].

3.5. Global x Local: O uso de plataformas pelo "Voz das Comunidades (Voz)"

Foi com a preocupação de mudanças efetivas na localidade que surgiu a ideia do VOZ. Lançado de forma voluntária em 2005 por cinco jovens, os textos, escritos e impressos em papel no formato A4, tinham como principal intenção a divulgação dos problemas da região periférica por meio de um jornal escolar.

Quando o jornal comunitário surgiu, o seu funadador Rene Silva, na época com onze anos, tinha a intenção de expor os múltiplos problemas de estrutura, saneamento básico e serviços essenciais que afetavam a sua escola, localizada no Morro do Adeus, uma das comunidades do Complexo do Alemão, de modo a ajudar a solucioná-los a partir da sensibilização de autoridades e sociedade em geral. A partir daí, os textos começaram a ser distribuídos gratuitamente para conhecimento da comunidade e não pararam mais.

Desta forma, o objetivo do veículo comunitário se configurou na vontade de

[13] Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/rio/regiao-do-complexo-do-alemao-foi-principal-polo-industrial-do-rio-mas-violencia-afastou-empresas-680537.html Acesso em: 15 mar. 2022.

[14] Disponível em: https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E. Acesso em: 15 mar. 2021.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Silva em dar visibilidade às problemáticas sociais no Alemão, "muitas vezes ignoradas pelas mídias tradicionais"[15]. A ascensão e reconhecimento do VOZ, no entanto, é emblemática. O crescimento no acesso aos perfis nas redes sociais do projeto comunitário, assim como seu reconhecimento para além dos muros das favelas, ocorreu em 2010[16] (após cinco anos de seu lançamento), durante a ocupação da Vila Cruzeiro, quando ações policiais no Complexo da Alemão foram narradas pelo veículo, possibilitando a disseminação de informação não somente para os moradores locais, como também para a sociedade em geral[17].

Durante os confrontos, as publicações do VOZ passaram a ser referenciadas pelos veículos geridos por corporações midiáticas, sobretudo diante da impossibilidade de acesso dos jornalistas aos locais do confronto. A atualização das postagens ocorria tanto a partir das situações observadas pelo núcleo responsável pelo projeto, como também a partir de informações recebidas dos moradores da região.

Esse se tornou um marco na história do Alemão, com grande repercussão midiática possibilitada pelo uso de tecnologias digitais para disseminação dos fatos a partir do olhar dos moradores das favelas. Para além dos confrontos subsequentes[18], há

[15] BRAZIL FOUNDATION. FalaJovem: Protagonismo jovem na criação de um legado para a comunidade. Voz das Comunidades. Disponível em: https://www.brazilfoundation.org/pt-br/project/voz-das-comunidades/. Acesso em: 13 de jul. de 2020.

[16]Em 26 de novembro de 2010 agentes militares iniciaram a ocupação das favelas do Complexo do Alemão. No dia 28 do mesmo mês, a comunidade foi totalmente ocupada pelas forças militares do Estado, dando início a um processo de pacificação que demonstra sinais de retrocessos.

[17]EL PAÍS. A voz da comunidade que corre o Rio. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/05/politica/1428194084_073598.html. Acesso em: 13 jul. 2020.

[18] O histórico de violência, tiroteios e mortes no Complexo do Alemão demonstra a ocorrência de episódios cíclicos. A partir de 2016, a plataforma Fogo Cruzado (https://fogocruzado.org.br/) iniciou a

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

outras histórias que merecem destaque pelas mobilizações e novos olhares gerados para os moradores da região.

Diante do uso de plataformas de redes sociais para amplificar o acesso às mensagens de veículos comunitários, o processo de conectividade e mobilidade proporcionado pelas tecnologias digitais viabiliza uma outra ambiência em que se reacomodam as dimensões sociocultural, política e econômica.

Mesmo diante das restrições e dificuldades de infraestrutura enfrentadas pelos jovens, 76%[19] dos moradores do Complexo do Alemão com idade entre 15 e 29 anos acessam diariamente a internet por *smartphone*. Se há um longo caminho a percorrer para garantir acesso à internet[20] e às tecnologias digitais para todos, há também vozes que ecoam dessas regiões periféricas possibilitando o fortalecimento de redes de mobilização para o exercício da cidadania.

Ao longo dos últimos 17 anos, a iniciativa se tornou uma Organização Não Governamental (ONG), a equipe cresceu e os produtos midiáticos se multiplicaram, principalmente com o suporte das plataformas de redes sociais. Enquanto o jornal impresso bimestral[21] possui distribuição de 10.000 exemplares, o jornal digital alcança a

coleta de dados e vem reportando aumento de registros de tiroteios/disparos na comunidade. Em 21 de julho de 2022, novos confrontos ocorreram na região ocasionando 18 mortes.

[19] Fonte: IBASE, 2019/2020.

[20] No Brasil, de acordo com Instituto Locomotivas e Consultoria PWC, cerca de 34 milhões não possuem conexão à internet e 87 milhões não conseguem se conectar diariamente. Maior proporção do grupo é formado por pessoas negras, que estão nas classes socioeconômicas C, D e E. Disponível em: https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml. Essa realidade de desigualdade é enfrentada em todo o mundo - estudos reportam que há quatro bilhões de cidadãos desconectados no mundo, pessoas que ainda não possuem acesso à internet (Belli, 2017).

[21] Inicialmente com 12 páginas, o jornal passou por reformulações e dobrou o número de páginas a partir de 2017. A versão impressa é distribuída gratuitamente nas favelas do Complexo do Alemão, Borel,

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

marca de um milhão de visitas na internet (com picos de três milhões de acessos em dias específicos)[22].

Além dos canais próprios de distribuição em plataformas digitais, o veículo conta com a importante articulação e influência do seu fundador. Ao longo da trajetória, o fundador do projeto Rene Silva tem se destacado. Em 2018 ganhou o prêmio da organização Mipad (Most Influential People Of African Descent), que o reconheceu como um dos 100 negros com menos de 40 anos mais influentes do ano. Em 2021 recebeu a Medalha Pedro Ernesto[23] — maior honraria concedida pela Câmara Municipal do Rio — enquanto comunicador comunitário, ativista pelas causas dos direitos humanos e antirracista.

Em paralelo, Silva se tornou jornalista e influenciador digital, ultrapassando 120 mil seguidores no Instagram, e mais de 240 mil seguidores no X. A repercussão de suas publicações nas plataformas de redes sociais e sua fala enquanto formador de opinião pública adquire notoriedade. Em 2020, quando o Supremo Tribunal Federal[24] proibiu as ações da polícia nas favelas do Rio de Janeiro, o ministro Edson Fachin chegou a referenciar um tweet de Rene Silva sobre as operações policiais que estavam acontecendo durante a pandemia.

Ainda que tais estratégias de emergência de subalternos careçam de estudos

Cantagalo, Cidade de Deus, Fumacê, Formiga, Pavão Pavãozinho, Vila Kennedy, Complexo da Maré e Complexo da Penha.

[22]EL PAÍS. A voz da comunidade que corre o Rio. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/05/politica/1428194084_073598.html . Acesso em: 13 jul. 2020.

[23]Disponível em: https://br.noticias.yahoo.com/rene-silva-gente-n%C3%A3o-consegue-070010490.html. Acesso em: 13 jul. 2022.

[24] Na época, estavam ocorrendo ações policiais concomitantemente com as atividades para doações de alimentos durante o ápice da crise pandêmica. Disponível em: https://www.geledes.org.br/rene-silva-mobilizacao-e-comunicacao-na-favela/ Acesso em: 09 mar. 2022.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

aprofundados, sobretudo diante do diálogo com os circuitos midiáticos de atenção (até então insondáveis), dos grupos midiáticos hegemônicos e das esferas políticas de decisões, tal paradoxo proporciona efeitos de resistência e estratégias que viabilizam a proposição de agendas políticas que atendam às questões periféricas.

Assim, com visão audaciosa, o VOZ tem conquistado espaço e ampliado seus canais de distribuição de narrativas para sensibilizar e mobilizar a sociedade – além do jornal impresso, a iniciativa conta com um site atualizado diariamente (embora não todas as editorias) e presença massiva nas redes sociodigitais (X, Instagram, Facebook, Youtube, WhatsApp e Tik Tok).

Inclusive, com o apoio do Consulado dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, o veículo também lançou em maio de 2020 um aplicativo com o objetivo de "combater a desinformação como uma forma de minimizar os impactos da pandemia nas comunidades em maior vulnerabilidade social"[25]. Além das publicações para combater a desinformação sobre a Covid-19, o aplicativo foi atualizado em julho de 2022 com recursos de interatividade para potencializar a participação e o acesso das pessoas às notícias.

Logo, a apropriação da esfera pública midiatizada de comunicação e o uso crítico de tecnologias possibilitam a interação com o público numa conjuntura jamais vista e que dificilmente poderia ser superada. Esse vínculo, constituído por afetos e vivências compartilhadas pelo VOZ ao lado de moradores da região, demonstra o fortalecimento de elos e gera empatia entre os moradores e a população em geral.

[25]Disponível em: https://www.diariodeceilandia.com.br/brasil/consulado-dos-eua-no-rio-e-voz-das-comunidades-lancam-aplicativo-para-combater-a-desinformacao-sobre-a-covid-19/ Acesso em: 13 jul. 2020.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

3.4. VOZ e periferia midiatizada

Ponderamos que a configuração do espaço público não necessariamente depende das tecnologias e das mídias, embora estas possam ser mediadoras. É neste aspecto que nos atemos a compreender em que medida o novo paradigma de mudança na esfera pública pelas tecnologias digitais pode ter reacomodado forças dissonantes nas relações socioculturais estabelecidas no contexto midiático brasileiro e, consequentemente, catapultou a evolução do VOZ.

A esfera pública proporcionada pela Internet representa o lugar em que há o potencial de disseminar outras opções de conteúdo, pautadas pelo conhecimento, informação e cultura. Desta forma, espera-se que as iniciativas comunitárias sejam reconhecidas tanto pelo Estado e pela sociedade, a partir do estabelecimento de políticas públicas que fomentem esses canais de expressão.

Tal reconhecimento e incentivo são fundamentais uma vez que a comunicação comunitária pode ser percebida como espaço de voz para sujeitos políticos da localidade em que estiverem inseridas, com objetivo de legitimar uma atuação crítica num lugar de disputa de discursos perante os padrões normativos construídos pela grande mídia sobre o cotidiano das cidades e das periferias.

Se o direcionamento da atenção para publicações realizadas por projetos comunitários é um dos fatores a considerar diante do alcance e interesse das comunidades, convém também investigarmos os processos socioculturais que embasam tais experiências. De acordo com Martín-Barbero, “fazer a história da classe operária implica necessariamente fazer a história da cultura popular” (1997, p. 37) e a perspectiva centrada na lógica de produção, ainda que omissa em muitos aspectos, nos impõe o desafio de conjecturar as influências econômicas e sua correlação com as estruturas políticas e culturais:

> A explicação da opressão e a estratégia da luta se situam assim em um só e único plano: o econômico, o da produção. Todos os demais planos ou níveis ou dimensões do social se organizam e adquirem seu sentido a partir das relações de produção. E toda concepção de luta

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

> social que não se centre aí, que não parta desse centro nem a ele se dirija, é mistificadora e enganosa, desvia e obstaculiza (BARBERO, 1997, p. 36-37).

Assim, quando uma instituição de mídia, ainda que categorizada como comunitária, surge para ocupar lacunas de políticas socioculturais que até então deveriam estar sob integral responsabilidade do Estado, podemos observar, feitas as devidas ressalvas histórico-temporais, a (re)politização da esfera social anunciada por Habermas (2003). Os vínculos estabelecidos com a comunidade local, assim como as relações constituídas com a sociedade em geral se dinamizam em outras frentes.

É preciso elucidarmos como fatores estruturantes precisam ser rompidos para ampliar a representatividade dos sujeitos sociais periféricos, de modo a alcançar equilíbrio de vozes na arena de disputa pela atenção. Narrativas esporádicas possuem seu valor, mas serão contínuos paliativos ao processo sócio-histórico que lançou as pessoas às margens, caso ações do Estado e o reconhecimento da sociedade não direcionem a periferia para o centro de cuidadosas reflexões.

Sua legitimidade quanto ao lugar de fala e produtor de sentidos é ratificada com a aproximação de grandes marcas anunciantes, além da articulação com ONGs e instituições sem fins lucrativos. A presença de marcas locais de comerciantes e marcas globais, somados aos ganhos com doações configuram o modelo pelo qual o projeto é financiado.

Partindo desse panorama, podemos estender indagações a respeito da atuação do VOZ enquanto espaço de movimentos de conflito, consenso e mediação que se parecem com os deslizamentos de placas tectônicas.

Sob esse prisma, o desafio é justamente compreender as relações entre (e nas) articulações entre privilegiados e periféricos, para além dos limites e contraposições, ao considerar as mediações intercambiadas entre si e os rastros que se perpetuam. Ora em atuação complementar, o VOZ se aproxima dos padrões estéticos e de linguagem adotados pelos veículos dominantes. Em outros momentos, se afasta e estabelece

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

embate com as comunicações hegemônicas.

E diante do uso de plataformas de redes sociodigitais para amplificar o acesso às mensagens de veículos comunitários e de vozes periféricas, compreendemos que é viabilizada uma outra ambiência na qual se reacomodam as dimensões sociocultural, política e econômica, mas também, e principalmente, as disputas pelo circuito da atenção.

Referências

HJARVARD, Stig. **Da mediação à midiatização**: A institucionalização das novas mídias. Revista Parágrafo, v.3, n.2, 2015. Disponível em: http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/331/339. Acesso em: 10 jan. 2020

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTINO, Luís Mauro**. Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis, Editora Vozes, 2015. Cap. 8 Mediação e mediatização da sociedade. p.233 a 249.

MIÈGE, Bernard. Para uma atualização da abordagem da mediatização das ações infocomunicacionais. In: FERREIRA, Jairo (org)...[et al.] **Entre o que se diz e o que se pensa**: onde está a midiatização? Santa Maria: FACOS – UFSM, 2018.

MORAES, Dênis. **Crítica da mídia & hegemonia cultural**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2016. Capítulo Gramsci, o jornalismo e a imprensa (pp. 61-76 e 91-107).

PAIVA, Raquel. **O espírito Comum – comunidade, mídia e globalismo.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003.

SODRÉ, Muniz. **A antropológica do espelho**: Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.